

Os clubes de futebol e o processo de urbanização na região do rio Tietê (1889-1945)

Renata Ferreira dos Santos¹

Marco Antonio Bettine de Almeida²

Introdução

Este estudo partiu da seguinte hipótese: o desenvolvimento econômico, resultante da forte industrialização e urbanização da época analisada (1889-1945) e a chegada dos meios de transporte, tiveram grande importância para a inserção do esporte nas cidades paulistas por meio dos clubes de futebol, tendo como meio de difusão a hidrovia à beira do rio Tietê. Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizada uma busca nos acervos dos clubes, nos jornais A Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, e nas bibliotecas e bancos de dados da Universidade de São Paulo. Esta análise bibliográfica e documental priorizou: (A) o período histórico e os aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos da região do rio Tietê, que proporcionaram uma visão mais ampla sobre o contexto da época; (B) a industrialização e o desenvolvimento dos meios de transporte na região, como forma de identificar sua influência e contribuição para o esporte; (C) a fundação dos clubes de futebol às margens do rio Tietê, com o propósito de compreender o processo de seu desenvolvimento. Para compreender o desenvolvimento dos clubes de futebol utilizaram-se dois conceitos weberianos: (a) tipo ideal e (b) sujeito da ação social.

1. Aspectos políticos, sociais e econômicos: construindo o campo

A industrialização passou por uma grande aceleração durante a velha república e o varguismo propiciou um maior desenvolvimento da rede de transportes. A expansão dos transportes e comunicações foi condição sine qua non para o incremento do comércio e da indústria, visto que possibilitou a integração de diferentes mercados. O aumento das interações regionais, a maior mobilidade e acessibilidade no espaço e a reprodução acelerada do capital são aspectos resultantes da expansão e modernização dos transportes e comunicações (SILVEIRA, 2009) que também influenciaram a disseminação da prática esportiva no país.

¹ Mestranda da Universidade Estadual de Campinas.

² Professor Doutor da Universidade de São Paulo.

A dinâmica dos transportes no Brasil a partir do governo de Getúlio Vargas (anos de 1930) está diretamente relacionada à participação efetiva do Estado planejador e desenvolvimentista. As infraestruturas: energética e transporte, entendidas como basilares aos investimentos privados, foram estratégias valorizadas pelo Estado e contribuíram efetivamente para o processo de crescimento econômico nacional, principalmente para a industrialização. Os investimentos públicos a partir do governo Vargas nos setores hidroviário e portuário eram, basicamente, focados no transporte internacional de cargas e, principalmente, na atividade portuária, com destaque para o porto de Santos.

Neste processo de desenvolvimento, o esporte, e mais particularmente o futebol, tornase elemento importante de análise da sociedade paulista. Um dos momentos mais importantes foi a vitória da seleção brasileira no Campeonato Sul-Americano de 1922, com destaque para Artur Friedenreich, e a profissionalização do atleta de futebol em 1933. A última ação demonstra que Getúlio Vargas percebeu a importância do futebol dentro desse novo tempo. O projeto getulista abrangeu o esporte como central para a transformação do brasileiro e também para a superação das diferenças políticas. Getúlio empreendeu grandes esforços para estatizar o controle do futebol no país, uma vez que este era visto como um veículo das aspirações nacionais e do perfil do brasileiro, razão que fez Getúlio tratar de controlá-lo. Getúlio Vargas tratou de vincular o futebol ao Estado, explorando a paixão brasileira a favor de seus projetos de coesão social (GUTERMAN, 2010).

2. O rio Tietê como meio de transporte e como local de desenvolvimento dos clubes de futebol

O leito do rio Tietê forneceu a areia e o pedregulho que construíram São Paulo. Havia muitos portos de desembarque até 1950, principalmente nas cabeceiras da Ponte Grande(local, formal, da primeira partida de futebol) (NICOLINI, 2001). O rio Tietê, inicialmente distanciado do núcleo original da cidade, embora próximo à Freguesia do Ó, Santana e São Miguel Paulista (bairros de São Paulo), durante o século XX foi gradativamente se aproximando da estrutura urbana, até se tornar um elemento componente de sua paisagem. Seu traçado foi retificado e canalizado, e este passou a receber vias expressas em ambas as margens, presenciando o surgimento de novos

centros comerciais e a formação dos primeiros clubes esportivos na Ponte Grande já no final do século XIX (MONTEIRO, 2010).

A Hidrovia Tietê – Paraná seria a via de transporte de produtos como soja, farelo de soja, milho, sorgo, trigo etc., sendo composta pelos portos de Pederneiras - SP, Anhembi – SP e Santa Maria da Serra - SP, visando basicamente o mercado externo, principalmente Europa e Ásia. O principal objetivo era o transporte de cargas e produção de energia, com o propósito de fomentar o crescimento econômico paulista (FELIPE JR, 2008). A partir de um planejamento técnico, várias barragens, hidrelétricas e eclusas foram construídas, pontuando que dentro deste mesmo contexto, o desenvolvimento do Estado de São Paulo era intenso, com ênfase à atividade industrial, expansão das rodovias, e consagração do Brasil como o “país do futebol”.

A Várzea do Carmo, às margens do rio Tamanduateí, extensão do rio Tietê, foi o palco para marcar a data de um jogo entre os funcionários da Companhia de Gás, do London Bank e da São Paulo Railway, (companhia responsável pela construção e exploração do transporte ferroviário entre Jundiaí e o porto de Santos), organizado por Charles Miller.

Os clubes de futebol começaram a surgir em várias localidades às margens do rio e muitos deles, que hoje possuem grande destaque ou que são inexistentes, tiveram ou ainda têm suas sedes banhadas pelo rio Tietê, como o São Paulo Athletic Club, o Sport Club Corinthians Paulista, o Sírio, a Associação Atlética São Bento e a Associação Atlética das Palmeiras. O Corinthians, por duas vezes teve sua sede à beira do rio, primeiramente na Ponte Grande e posteriormente no Parque São Jorge, localizado às margens do rio Tietê, onde existia um pequeno porto fluvial. O Parque São Jorge, por exemplo, foi o local onde se estabeleceram alguns dos primeiros clubes de futebol do Estado de São Paulo.

O Plano de Avenidas elaborado por Prestes Maia, engenheiro e prefeito da cidade de São Paulo de 1938 a 1945, apresentava a construção de avenidas marginais que resolvessem o problema de drenagem do rio, além de objetivar a urbanização da várzea. Prestes Maia previa avenidas de tráfego rápido, instalações esportivas, a localização de linhas e estações de estradas de ferro, bairros de habitações para os operários de indústrias e o aeroporto da cidade. A margem direita do rio Tietê seria

reservada para a relocação das ferrovias e para a criação de bairros industriais. Na altura da Ponte Grande seria criada uma nova Estação Geral, que conteria todas as estações em um só edifício. Já em sua margem esquerda, a avenida marginal seria reservada para a circulação de automóveis, tendo que receber desta forma calçamento, arborização e iluminação. A Ponte Grande era localizada no eixo da maior artéria paulista (Avenida Tiradentes), era acesso à margem direita do Tietê e próxima à Estação Geral, ao aeroporto e ao porto fluvial, constituindo assim a principal entrada da cidade (CARPINTÉRO, 2007).

3. Fundação e disseminação dos clubes ribeirinhos

Associação Atlética das Palmeiras

A Associação Atlética das Palmeiras foi fundada em 1902 por jovens moradores do bairro de Santa Cecília, região das atuais ruas das Palmeiras, Baronesa de Itu e Martim Francisco. A Associação Atlética das Palmeiras possuía identificação econômica e cultural com o Clube Atlético Paulistano e com o Clube de Regatas São Paulo, fato que motivou o presidente deste último, Alberto Menezes Borba, a oferecer à Associação uma parte do terreno localizado na Chácara Floresta, da qual era proprietário, juntamente com Frederico Steidel, ao lado das instalações do Clube de Regatas São Paulo.

Quando o clube estabeleceu-se na Chácara Floresta, em 1904, passou por um período de desenvolvimento. Em 1925, segundo notícia do Jornal do Commercio, de 29 de fevereiro de 1925, o clube já contava com um departamento de atletismo, tênis e pingue-pongue, além de um departamento de remo, polo aquático e bola ao cesto, conforme O Estado de São Paulo, de 6 de março de 1925. O clube esteve à frente das principais cisões que ocorreram no futebol paulista. Em 1912, por exemplo, participou do movimento que fundou a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) e em 1925 participou da fundação da LAF (Liga de Amadores de Futebol), ambas em parceria com o Clube Atlético Paulistano.

A Associação Atlética das Palmeiras foi campeã paulista em 1909, 1910 e 1915, participando do futebol paulista até 1929, quando ao final do campeonato daquele ano, unindo-se ao Clube Atlético Paulistano, deu origem ao São Paulo da Floresta.

Estes acontecimentos, a primeira vista, parecem-nos conflitos de cartolas ou grupos de poder, que discordavam do calendário, ou coisas menores. No entanto, o que estava em jogo era a elitização do futebol paulista. Era justamente a tentativa de boicotar as iniciativas de profissionalização do futebol e, por consequência, a retirada dos jogadores que não poderiam disputar os campeonatos institucionalizados de forma amadora. É consenso que grupos excluídos só poderiam praticar o futebol institucional se houvesse salário, ou como ocorreu em muitos casos o famoso “amadorismo marrom”. Analisando os acontecimentos à luz da sociologia compreensiva, parece-nos que os grupos de poder na esfera esportiva tinham amplo contato, circulavam pelos mesmos locais sociais e econômicos. A rivalidade constituída pelos cartolas às vezes é parte do processo místico do futebol. A administração dos clubes de futebol é diferente do torcedor. Fazendo uma analogia rápida com os tipos puros de ação racional, o torcedor caminharia mais próximo às ações racionais emocionais e os cartolas com ações racionais com respeito a fins. Isto é, a ação do primeiro se move por explosões fortes e apaixonadas pelo clube. Enquanto o segundo parte de decisões estratégicas buscando sempre um objetivo de dominação.

São Paulo Futebol Clube

Em 27 de janeiro de 1930 foi fundado o São Paulo da Floresta. A primeira diretoria e o conselho deliberativo foram constituídos por pessoas muito influentes na vida social, política e empresarial de São Paulo, como o presidente Edgard Egydio de Souza Aranha, que era o principal dirigente brasileiro da Light (empresa de energia e dos bondes elétricos).

Foi na Chácara Floresta que o São Paulo realizou seu primeiro jogo noturno. A história oficial não conta, mas acredita-se que pelo fato de seu presidente ser o principal executivo brasileiro da Light, houve melhorias que facilitaram a iluminação do campo, além disso, semanas após a fundação do Tricolor paulista, o estádio que antes pertencia à Associação Atlética das Palmeiras passou por significativas reformas (NICOLINI, 2001).

Em 1935, o São Paulo da Floresta passava por tempos difíceis devido ao amadorismo marrom, ao início do profissionalismo e à infeliz compra de uma sede localizada no centro da cidade, no Palácio Trocadero, o que lhe trouxe problemas

financeiros, dívidas extremamente altas, levando a diretoria à decisão de promover uma fusão entre o São Paulo da Floresta e o Clube de Regatas Tietê, que ostentando ótimas condições financeiras, saldou toda a dívida do novo companheiro. Após essa fusão ocorrida em 17 de abril de 1935, o clube acabou não só deixando a Chácara Floresta, mas sendo brevemente extinto, passando a compor o chamado Clube de Regatas Tietê – São Paulo. Em menos de um mês após a fusão, o São Paulo foi reorganizado e nomeado Clube Atlético São Paulo, entretanto, esta denominação durou apenas um semestre. Poucos meses depois, o clube foi refundado definitivamente, não mais como São Paulo da Floresta ou Clube Atlético São Paulo, mas sim como São Paulo Futebol Clube, estabelecendo-se na Praça da Sé, que rapidamente precisou ser ampliada. A realização do treinamento do time de futebol acontecia em diversos locais, entre eles, curiosamente, na própria Chácara Floresta.

O jogo da fundação do São Paulo Futebol Clube ocorreu em meio a um período ditatorial que o país atravessava, no qual era proibido realizar na data da fundação da cidade de São Paulo (25 de janeiro), qualquer atividade paralela esportiva. Este percalço ocorrido justamente na data escolhida para marcar a revivescência tricolor, levou o tenente Porphírio da Paz (mais tarde governador de São Paulo) a se mobilizar até o desfile cívico comemorativo na Avenida Paulista, para pedir autorização para a realização do jogo ao secretário da Educação Cantídio de Moura Campos, que a concedeu. Cantídio, importante político de São Paulo, já havia sido conselheiro do clube quando este ainda apresentava-se como São Paulo da Floresta, fato que facilitou a sua autorização. Em 25 de janeiro de 1936, o São Paulo Futebol Clube realizou seu primeiro jogo no Parque Antártica, contra a Associação Atlética Portuguesa, de Santos, obtendo vitória de 3 X 2.

Com o desejo de estabelecer instalações que fizessem dele um clube poliesportivo, em 1944 o São Paulo Futebol Clube adquiriu um terreno localizado na rua do Porto, que não ficava exatamente às margens do rio Tietê, mas nas lagoas que integravam o complexo daquele curso d'água nas paragens da Ponte Pequena e do Canindé (estádio da Portuguesa Paulista).

O processo histórico de desenvolvimento dos clubes influentes apresenta uma teia de relações sociais no sentido weberiano: teia de relações que o próprio homem teceu, reforçando a hipótese de tipo ideal dos dirigentes como participante da mesma

esfera de poder, necessitando de favores políticos e econômicos para manter a agremiação funcionando.

Sport Club Corinthians Paulista

O Sport Club Corinthians Paulista foi fundado em setembro de 1910 por um grupo de trabalhadores e operários do bairro do Bom Retiro, composto pelos pintores de paredes Antonio Pereira e Joaquim Ambrósio, o motorista Anselmo Correia, o trabalhador braçal Carlos Silva, o sapateiro Rafael Perrone e mais oito rapazes, tendo como seu primeiro presidente um alfaite chamado Miguel Bataglia.

Conquistando a posição de campeão paulista em 1916, o clube passou a almejar um espaço na Ponte Grande, onde pudesse construir um estádio. Para atingir este objetivo, o Corinthians contou com o apoio do deputado Antônio Alcântara Machado, que se encarregou de todas as tramitações com a Prefeitura. Em 1916, quando o presidente do clube era João Baptista Maurício, o contrato de arrendamento foi assinado na presença de Washington Luiz Pereira de Souza, então prefeito de São Paulo, que posteriormente tornou-se o presidente da República. Em 1917, seu estádio foi inaugurado, recebendo os mais rasgados elogios da imprensa. A partida inaugural no primeiro estádio corinthiano foi contra o Palestra Itália, terminando empatada em 3 X 3.

A saída do Corinthians da Ponte Grande só ocorreu dez anos depois, em 1927, pois a torcida era tamanha que o local acabou tornando-se pequeno para o Campeão do Centenário (título dado ao Corinthians em sua vitória de 1922, ano da comemoração do Centenário da Independência e da inauguração do monumento do Ipiranga). Sob a presidência de Ernesto Cassano, sua mudança foi para o Parque São Jorge, também localizado à beira do rio Tietê. O seu antigo estádio na Ponte Grande passou a ser utilizado pela Associação Atlética São Bento, que como o Corinthians, também ficou por dez anos no local (NICOLINI, 2001). O desejo de uma sede própria levou o Corinthians a mudar-se para o Parque São Jorge, onde desfrutaria de uma área de 45.000 metros quadrados, o triplo do terreno anteriormente ocupado na Ponte Grande. No Parque São Jorge o clube ficou ainda mais próximo do rio Tietê, o que o possibilitou desenvolver esportes aquáticos e náuticos, tornando-se assim poliesportivo. Além disso, diferente de seu início na Ponte Grande, no Parque São Jorge o Corinthians já contava com algumas instalações que desde 1920 já eram usadas pelo Esporte Clube Sírio.

Alfredo Schurig foi um dos presidentes que mais contribuiu financeiramente para o Sport Club Corinthians Paulista. Empresário de origem alemã, bem sucedido no ramo de ferragens e parafusos, um dos primeiros a se estabelecer no ramo metalúrgico do país, assumiu o comando do clube em 1930. Schurig, apesar de não ser um amante do futebol, fez diversas doações que viabilizaram o pagamento do local, além da realização de diversas melhorias no estádio e a construção de arquibancadas. Schurig acabou renunciando a presidência do Corinthians em 1933, quando o clube sofreu uma derrota de 8 a 0 para o Palestra Itália durante o Campeonato Paulista. A torcida revoltada com o resultado invadiu a sede do clube, levando Schurig e toda a diretoria ao descontentamento e à decisão de renunciarem seus cargos.

Em 1939, na presidência de Alfredo Inácio Trindade, o clube dobrou sua área ao adquirir uma parte do terreno vizinho tão grande quanto o Parque São Jorge, que na época era ocupada pelo A.A. Guarani, ideia sugerida por Manoel Correcher. Em 1962, por iniciativa de seu presidente Wadih Helu, sua área foi aumentada por duas vezes, a primeira para 33.000 metros, e a segunda para mais 42.000 metros de terreno, deixando o clube com mais de 160.000 metros quadrados, tornando-se um clube patrimonialmente riquíssimo, o que trouxe incontáveis benefícios que puderam ser desfrutados pela população situada às proximidades de sua instalação.

Mesmo tendo como parte do mito corinthiano a ideia de clube operário, ele só se consolidou por ter se aliado com nomes fortes da sociedade paulista, que durante um processo histórico muito particular em que era importante para o mercado de votos ter um clube que representasse a região operária de Bom Retiro, Brás, Barra Funda, local de forte influência da imigração.

Associação Atlética São Bento

Fundada em 1913, a Associação Atlética São Bento mudou-se para a Ponte Grande em 1927 após a saída do Sport Club Corinthians Paulista desta, e permaneceu lá até a sua extinção, que ocorreu dez anos depois. O nome São Bento refere-se ao Colégio São Bento, celeiro de bons jogadores, onde o futebol era praticado desde a sua chegada ao Brasil. Para que o clube fosse fundado, um dos padres do colégio chamado d. Koton, inconformado com a dispersão de valores na época, sugeriu que todos os ex-alunos que se encontravam em outras esquadras, retornassem ao colégio. Esta sugestão conseguiu

reunir muitos dos melhores craques da época, como Irineu Malta, Alfredo Aranha, Luis Alves, entre outros, nascendo assim a Associação Atlética São Bento, dirigida por d. Pedro (diretor do ginásio), o cel. Luiz Alves, Antonio Pedroso e Alfredo Aranha.

Possuindo um espírito amadorista, o clube, como tantas outras agremiações, não resistiu à oficialização do futebol profissional em 1933. O clube permaneceu de forma autônoma até 1937, quando seus dirigentes, já cansados e desmotivados, concordaram em promover uma fusão do clube com o C.R. Tietê, na qual a A.A. São Bento extinguiu-se. O documento oficial foi assinado por Lauro Gomes de Almeida, último presidente do clube, homem público de prestígio, ligado à administração pública e ao esporte, na ocasião importante executivo do Frigorífico Anglo e posteriormente, prefeito de São Bernardo do Campo. Devido à fusão, o antigo estádio da A.A. São Bento foi transformado, dando lugar para jardins e quadras de tênis tieteanas, ampliando assim a estrutura física do C.R. Tietê.

Esporte Clube Sírio

O Esporte Clube Sírio foi fundado em 1917 num quarto de pensão da rua Augusta, durante a festa de aniversário de Milheim Simão Racy, seu primeiro presidente. A iniciativa de formar um clube partiu de um grupo de jovens sírio-libaneses, que necessitavam de uma entidade que os agrupasse e representasse. O E.C. Sírio foi instalado em um prédio na rua do Comércio, localizada no centro da cidade até 1920, quando um surto de progresso exigiu que o clube se mudasse para um local maior. O E.C. Sírio então estabeleceu a sua sede na rua Florêncio de Abreu e alugou um espaço no Parque São Jorge.

Em 1924 o E.C. Sírio adquiriu um terreno próprio de 45.000 metros quadrados na confluência da rua Pedro Vicente com a avenida Cruzeiro do Sul. O terreno, apesar de não ser localizado nas margens do rio Tietê, ligava-se às suas águas através de pequenas lagoas resultantes da extração de areia, o que possibilitou ao clube desenvolver esportes aquáticos.

Em 1930 a construção de seu estádio foi terminada, e o clube já havia se tornado poliesportivo, competindo oficialmente em pedestrianismo, voleibol, atletismo e basquetebol.

Porém, no que se refere ao futebol, o clube permaneceu participando dos campeonatos da Apea somente até 1934 por causa da oficialização da profissionalização, não conseguindo se incorporar aos moldes deste sistema altamente dispendioso. Alguns anos depois, em decorrência da elevação do nível socioeconômico da colônia sírio-libanesa e da sua mudança para a zona sul da cidade, o clube transferiu-se de sede, deixando para trás a Ponte Pequena e toda a sua trajetória relacionada ao rio Tietê. Em 1950, na Avenida Indianópolis, as suas novas instalações começaram a ser construídas.

Dos clubes analisados o E.C. Sírio tem uma característica muito peculiar, a de nascer de uma colônia fechada, sendo até hoje um clube que acompanhou o desenvolvimento da comunidade sírio-libanesa na cidade de São Paulo. Para a comunidade o clube servia, ou serve, para fortalecer seus laços distintivos e um espaço de endogamia. O clube se desenvolve pelos laços de parentesco e o objetivo não é ter força política no cenário paulista, mas sim dentro da comunidade, possuindo lógicas próprias e um processo de dominação que gira em torno da proteção dos valores culturais do grupo. Este objetivo de proteção é muito mais forte do que tornar o clube uma potência esportiva, ou algo para ter uma torcida supra-étnica.

Considerações Finais

Os primeiros clubes esportivos têm ligação direta ou indireta com as indústrias e principalmente, com os meios de transporte.

O rio Tietê foi extremamente importante para a formação metropolitana de São Paulo. Por meio dos muitos portos fluviais comportados por ele até 1950, hidrovias, eclusas, canais artificiais, barragens e o próprio sistema viário favoreceram a urbanização da várzea, o crescimento econômico da cidade e, conseqüentemente, o desenvolvimento dos clubes esportivos.

O governo de Getúlio Vargas foi o que mais regulamentou a atividade portuária do país, e também utilizou o futebol como um elemento de propaganda nacionalista. O início do Estado Novo (década de 1930) foi um período importante para o desenvolvimento de alguns clubes de futebol localizados às margens do rio Tietê. O São Paulo Futebol Clube (SPFC) e o Sport Club Corinthians Paulista (SCCP), por exemplo,

passaram por um grande desenvolvimento durante esta década, na qual ambos eram liderados e apoiados por sujeitos muito influentes na sociedade, pertencentes à elite paulista, envolvidos com a indústria ou com a política, entre os quais podemos citar o executivo Edgard Egydio de Souza Aranha (presidente do SPFC), o tenente Porphírio da Paz, o secretário da Educação Cantídio de Moura Campos (apoiares do SPFC), o empresário Alfredo Schurig, Alfredo Inácio Trindade (presidentes do SCCP), e Manoel Correcher (apoiador do SCCP). Pudemos perceber nesta pesquisa que as ações sociais destes sujeitos foram imprescindíveis para que o desenvolvimento vivenciado por estes clubes, durante este período, fosse possível.

Alguns autores relatam que sem o profissionalismo o futebol brasileiro não teria crescido tanto (NOGUEIRA, 2006). Porém, observamos que alguns clubes como a Associação Atlética São Bento e o Esporte Clube Sírio não resistiram à oficialização do futebol profissional, imposta pelo governo de Vargas em 1933, pois neste período eles não possuíam condições socioeconômicas que pudessem suportar este sistema dispendioso.

Encontramos poucas informações sobre as ações sociais dos presidentes e/ou apoiadores destes clubes, o que nos leva a questionar se estes sujeitos exerciam papéis na sociedade tão influentes quanto os papéis exercidos pelos sujeitos envolvidos com o São Paulo Futebol Clube e com o Sport Club Corinthians Paulista, por exemplo.

Retomando a uma análise weberiana, toma-se como tipo ideal de dirigente esportivo dos clubes que progrediram e existem até hoje como potências esportivas, os sujeitos que possuíam poder político e econômico na sociedade paulista da época. As influências e associações políticas fizeram-se determinantes na história de crescimento destas entidades.

Quanto aos tipos de dominação, pode-se perceber as influências políticas como ações norteadas por um agir racional com respeito a fins, em função de interesses pessoais ou coletivos, representativo de cada agremiação. As alianças e aquisições simbolizam tais procedimentos. Já no caso do Clube Sírio, pode-se perceber certa influência da racionalidade tradicional, visto a preocupação com a manutenção de um espaço distintivo etnicamente e de busca por influência política restrita a certa esfera de atuação social. Acreditamos assim ter conseguido responder a questão inicial,

apontando para o fato de que pode ser percebida uma tipificação ideal do dirigente de clube de sucesso, e da sua racionalidade, no campo do futebol, para a região geográfica definida e o período histórico em questão.

Conclui-se destacando a importância da urbanização e industrialização na região do rio Tietê para a disseminação do esporte pelo país, com destaque para o Estado de São Paulo. O processo de urbanização, com a chegada principalmente dos meios de transporte, propiciou condições necessárias para que o esporte fosse inserido às margens e às cidades próximas ao rio Tietê, por meio dos clubes de futebol.

Referências

CARPINTÉRO, Marisa, V. T. Tempo e História no Plano de Avenidas - Dossiê: Cidade, Imagem, História e Interdisciplinaridade. Urbana, ano 2, nº 2, 2007.

FELIPE JÚNIOR, Nelson Fernandes. A Hidrovia Tietê-Paraná e a intermodalidade no Estado de São Paulo. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTEIRO, Peter R. São Paulo nos centros das marginais: a imagem paulistana refletida nos rios Pinheiros e Tietê. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

NICOLINI, Henrique. Tietê: O Rio do Esporte. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

NOGUEIRA, Cláudio. Futebol Brasil Memória: de Oscar Cox a Leônidas da Silva (1897- 1937). Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006.

SILVEIRA, Márcio Rogério. As cinco revoluções e evoluções logísticas e seus impactos sobre o Brasil. In: SILVEIRA, Márcio Rogério; MOURÃO, Paulo Fernando Cirino; LAMOSO, Lisandra Pereira. (Orgs.). Questões nacionais e regionais do território brasileiro. Rio de Janeiro: Interciência, 2009.